

FERNANDA HERNANDEZ, CAROL CAPUTO E BEATRIZ DONAIRES FORAM AS BRASILIENSES ESCOLHIDAS PELA INSTITUIÇÃO CHAMBERS AND PARTNERS

CONHEÇA AS TRÊS ADVOGADAS DE DESTAQUE NO RANKING

Fernanda Hernandez (direita) e Carol Caputo (esquerda) são vizinhas de escritório



Para saber mais

A pesquisa da Chambers and Partners existe há 30 anos e é realizada anualmente nos principais mercados de advocacia corporativa do país. Para elaborar o levantamento, os pesquisadores conversam com os clientes dos escritórios para descobrir o nível de satisfação e a qualidade do serviço prestado. Além de questionarem se o escritório tem boa técnica jurídica, os advogados reconhecidos como líderes no mercado também passam por entrevistas. A equipe conta com mais de 200 pesquisadores que analisam áreas diversas do direito corporativo, e para chegar ao ranking eles estudam informações minuciosas sobre casos e transações dos escritórios avaliados. A metodologia utilizada pela Chambers é independente e "rigorosa", segundo o próprio documento da escala brasileira.

Feliz com o reconhecimento

Comemorando sua estreia no ranking da Chambers and Partners, Carol Caputo, 36 anos, está na profissão desde 2008. A advogada é sócia do escritório familiar Caputo Bastos & Fruet Advogados. Ela está contente com o reconhecimento e explica que, embora muitas advogadas se formem, a prática no mercado acaba afunilando as oportunidades de sócias e outras chances de crescimento.

Por ser um ambiente majoritariamente masculino, Carol conta que, assim como várias mulheres,

já passou por constrangimentos. "Eu tive uma experiência em que conduzi toda a audiência e, no fim, meu cliente ficou dizendo como eu era bonita. Eu sei que é um elogio que, em outro contexto, eu não rejeitaria, mas, naquele local, não cabia", relata.

Ela acredita que situações como essa ocorrem por ainda não enxergarem a presença feminina com naturalidade no mercado. "É muito comum, por exemplo, que reuniões aconteçam dominadas por homens. Então, é comum que a mulher se sintam inti-

midada para expor seu ponto de vista", explica a advogada. "Essa dificuldade de se tornar sócia, por ser um ambiente muito masculino, desestimula as mulheres".

Para ela, o ambiente jurídico precisa dar mais espaço às mulheres em artigos, publicações, seminários e congressos. "O ambiente do direito deveria olhar para isso, ver que não é razoável, não é normal, que tem várias mulheres competentes produzindo e aptas a se posicionarem mais em um determinado assunto", declara.